

AS MÃOS DADAS

Helder Macedo*

A melhor poesia de amor é (pode ser) a arte de significar a essência indizível do amor. Jorge de Sena bem o sabia, talvez por ter sido um poeta e romancista notavelmente explícito no modo como deu expressão às manifestações físicas do amor – “o sexo em tudo visto” – mesmo quando em disfarce metafórico. Tal como Luís de Camões (sempre a sua paradigmática referência electiva), entende a sexualidade como um veículo para o conhecimento. Sabendo portanto também, como Camões, que o conhecimento que resulta da sexualidade inerente ao amor excede o que pode ser dito por palavras.

Camões escreveu num soneto que para cantar o “gesto” da pessoa amada – a autonomia inerente à sua “composição alta e milagrosa” – lhe faltava “saber, engenho e arte”. Como se logicamente prosseguindo essa asserção até ao seu reverso complementar, Jorge de Sena (num poema significativamente intitulado *Fidelidade*, no livro com esse título) pede à pessoa amada que lhe diga a “coisa nenhuma” que fosse “o que à morte se diria, se ela ouvisse, ou se diria aos mortos, se voltassem”. Julgo ser de uma equivalente perspectiva de totalizante reciprocidade que, nas silenciadas palavras do poema *As Mãos Dadas*, também no mesmo livro, o poeta diz ele próprio a essencial “coisa nenhuma” do amor a alguém que o não pode ouvir porque, tal como a morte, já nem nome tem, ou nunca teve.

Este breve e subtilíssimo poema tem como plausível referente um efêmero encontro sexual com uma jovem prostituta. Um equivalente encontro sexual (porventura o mesmo?) está também no centro da novela *Grã-Canária*. A novela é uma realística narrativa onde, no entanto, o velho tópico poético que funde amor e morte na sexualidade humana é transmutado numa complementar expressão do retorno do amador à vida por acção da pessoa

amada. A “cousa amada” (na designação camoniana) é assim reconhecida não como mero recipiente do amor mas como o sujeito de uma identidade própria que, ao poder ser manifestada em actuante reciprocidade, pressupõe uma essencial fluidez entre sujeito e objecto no amor humano. Uma correspondente fluidez sexual é tema recorrente na obra de Jorge de Sena.

Creio ter demonstrado num ensaio já antigo que a *Grã-Canária* tem como referência antitética a emblemática Ilha do Amor d’*Os Lusíadas*. No plano da narrativa factual, a novela situa-se numa ilha real – a Grã-Canária – durante a fase final da guerra civil de Espanha, quando as Canárias já estavam sob o controle brutalmente repressivo das forças de Franco e as punições dos oponentes derrotados que tivessem sobrevivido às execuções sumárias incluíam o seu confinamento numa real leprosaria como metafóricos “leprosos da alma”.

O narrador da novela – identificável com o autor quando jovem cadete da marinha portuguesa durante uma visita do seu navio-escola à ilha – depois de deambular meio perdido pelas ruas soturnas da cidade tem um encontro sexual num quarto esconso, ao cimo de umas escadas, com uma prostituta adolescente, cujos pais estavam confinados na leprosaria, e onde ela os ia ver sempre que podia. O horror de uma possível contaminação da lepra transforma-se numa avassaladora força erótica que funde sexualidade e morte num “casamento” irreversível de Eros e Agapé. Também as ninfas de Vénus se “casaram” com os marinheiros na Ilha do Amor, “refocilando” a sua “lassa humanidade”. E, tal como a Vénus camoniana que preside ao aparelhamento da Ilha do Amor n’*Os Lusíadas*, essa redentora prostituta-menina representa simultaneamente a espiritualidade cristã da Virgem Maria e a sexualidade pagã de Vénus. Como diz em confidência ao seu “esposo” efémero dessa perene noite, o seu nome era Assunción mas era conhecida por Flora. O nome que tinha não era o seu.

Na novela *Grã-Canária* Jorge de Sena faz a reconstrução imaginativa da realidade factual. No poema *As Mãos Dadas* diz o que as palavras da novela

não chegaram para dizer. E o que ele diz a essa outra (ou mesma?) virginal prostituta para sempre perdida que efemeramente tivesse amado é o indizível que porventura ele próprio teria desejado que ela lhe dissesse. É, em suma, a “coisa nenhuma” que “à morte se diria, se ela ouvisse, ou se diria aos mortos, se voltassem” num dia como aquele em que uma presença sem nome e sem idade, não falando, lhe falou enquanto as árvores morriam galho a galho seco, havia flores, escadas vazias, e tinham as mãos enlaçadas.

* *Professor catedrático emérito da Universidade de Londres (King's College) e *research fellow* da Universidade de Oxford. A sua obra literária inclui ensaio, poesia e ficção.